

TRADIÇÃO ORAL DAS MARISQUEIRAS NO LITORAL DO MUNICÍPIO DE CONDE (BA): CANTOS E CASOS

Olindina N. Santos¹

Resumo: Trago aqui um recorte da minha pesquisa situada no município litorâneo de Conde-Bahia, a partir da ideia de microterritório cultural, que possui uma história local particular e desconhecida. Neste momento aprofundo os fundamentos teóricos e conceituais dos estudos das memórias, tradições e poéticas orais, para aplicar estes aportes teóricos na etnografia em campo com as mulheres marisqueiras que vivem no microterritório da região de Conde. Suas narrativas e práticas, geralmente invisibilizadas e inaudíveis, pela sua condição de trabalhadoras rurais, mulheres, negras e mestiças, são de suma importância para o processo da comunicação e permanência sociocultural, formando um rizoma de poéticas orais e sonoras que perpetuam as memórias coletivas territoriais, mediante seus cantos e contos: cantigas, parlendas, e brincadeiras para ninar, brincar e trabalhar; rezas das folhas para tirar os “quebrantos”; ladainhas de fé para os santos padroeiros; histórias de lendas locais ou regionais, entre outros. Procuro investigar essas memórias coletivas, repassadas entre as mulheres de várias gerações, como uma articulação dos saberes e das formas da localização do sujeito do eu, do outro, do e no mundo, religando o presente com o passado. Respaldo-me em autores como Halbwachs, Hampate Ba, Paul Zumthor, Jerusa Pires, Edil Silva Costa, Deleuze e Guattari, entre outros.

Palavras-chave: Memórias Coletivas e Individuais. Narrativas. Poéticas Oraís.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discuto sobre os fundamentos teóricos e conceituais dos estudos das memórias, tradições e poéticas orais, que ocorreram num município litorâneo do interior da Bahia. Era comum no município de Conde (BA), nos povoados de Sitio do Conde, Siribinha, Poças e Barra do Itariri, que as marisqueiras trocassem experiências de vivências e de trabalho e como formas de distração, algumas quando jovens, participaram de eventos culturais como contos locais, rezas, festas de reis, procissões e festejos aos santos, etc.

Muitos desses arquivos de saberes encontram-se presentes nas memórias dessas marisqueiras idosas, que mesmo na resiliência de um trabalho árduo, além de serem mães e responsáveis pelos sustentos da família, a cultura era viva e presente na vida dessas mulheres.

Com o processo da contemporaneidade o trabalho dessas mulheres ganhou um reforço com a criação da colônia de pescadores e assim, legalizar a vida destas mulheres que recebem hoje, mesmo com as dificuldades burocráticas do sistema, o auxílio bolsa defeso e a aposentadoria. Entretanto, junto com a modernização, a vida na labuta diária destas mulheres, nas lagoas e nos mangues, foi aos poucos, junto com a sociedade capitalista e suas exigências de mercado, e a própria sobrevivência em si, deixadas de lado, muitas atividades culturais, mas que perpetuaram em suas lembranças.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. (Pós- Crítica /UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra.Katharina Doring. Endereço eletrônico: olly-nascimento@hotmail.com.

Os arquivos de saberes (contos, casos, rezas, procissões, cânticos, etc.), que serão analisados foram coletados durante uma pesquisa de campo que faz parte do projeto de dissertação de mestrado em andamento. Por meio de uma entrevista semiestruturada, as marisqueiras idosas contribuíram contando lendas locais, refrãos de versos em participação quando jovens no reisado, nas apresentações locais, nas ladainhas de Cosme e Damião, narrando suas lembranças nas memórias de como essas manifestações culturais aconteciam. Na contemporaneidade, rememorar esses arquivos de saberes permite rever nas memórias individuais e coletivas como essas manifestações culturais e as lembranças de vivências de trabalho foram marcantes na vida destas mulheres.

Ao discutir sobre os arquivos de saberes destas marisqueiras e suas marcas de cultura, iniciarei este artigo sobre as memórias coletivas de Halbwachs (1990) e em seguida, serão analisados alguns contos e narrativas coletadas, visando interpretar o discurso presente nelas. Por fim, discutirei como os arquivos de saberes são interpretados e expressos na contemporaneidade e como essas mulheres enfrentam as mudanças entre o passado e o presente, nas tradições orais.

MEMÓRIA COLETIVA: LEMBRANÇAS NARRADAS NA CONTEMPORANEIDADE

Os arquivos de saberes encontrados na memória coletiva/individual das marisqueiras idosas do município litorâneo de Conde (BA), demonstram um saudoso tempo de lembranças recolhidas que estão guardadas em suas memórias e vêm à tona, quando narradas, mesmo que em alguns momentos, essas lembranças fiquem alguns traços perdidas na memória destas mulheres, como um rizoma descrito pela pesquisadora Eliane Bispo De Almeida Souza (2017), ao descrever em sua dissertação de mestrado " Cantigas de Roda em Monte Alegre (Rio Real/Ba): Reminiscências de um tempo de festa e labuta "quando cita que assim como " não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 17), o mesmo ocorre com as lembranças das canções guardadas na memória dos colaboradores da pesquisa."

Essas referências às quais a pesquisadora refere-se ao descrever na sua pesquisa como são instigados os colaboradores a relembrem os períodos de vida animados pelas cantigas de roda trago para o meu projeto de pesquisa o mesmo pertencimento de um rizoma, ao ouvir os depoimentos das marisqueiras mais idosas ao relembrem uma ou mais manifestação cultural que fez parte ou faz na contemporaneidade em suas lembranças. Essas memórias, como bem descreve a pesquisadora, surgem como flashes, as quais muitas vezes, são interrompidas pelo esquecimento. Dessa forma, podemos considerar essas lembranças rizomáticas.

Portanto, essas lembranças ao virem à tona geram várias recordações, algumas repetitivas e outras sobrepostas, que fazem parte de uma memória denominada curta, por Deleuze e Guattari (1997, p. 11).

A memória curta não é de forma alguma submetida a uma lei de contiguidade ou de imedialidade em relação a seu objeto; ela pode acontecer à distância, vir ou voltar muito tempo depois, mas sempre em condições de descontinuidade, de ruptura e de multiplicidade.

[...] a memória curta compreende o esquecimento como processo; ela não se confunde com o instante, mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso.

Ao reconstruírem suas lembranças as marisqueiras idosas, constantemente interrompem seus pensamentos, buscando as recordações, o que é uma marca da memória curta, como afirma (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 15). *“o rizoma é um sistema a— centrado, não hierárquico, não significante, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estado”*. Ao pesquisar os arquivos de saberes nos povoados do município de Conde Bahia não houve a pretensão de resgatar uma cultura que se encontra no passado, num sentimento de saudosismo, mas observar as dinâmicas que contribuem para suas modificações.

Ao trabalhar com a escolha da temática de Memórias Coletivas e Individuais o autor Maurice Halbwachs (1990), aborda o interesse no estudo das memórias, porque nestas residem não somente nossas lembranças como a dos outros. E partindo destas memórias individuais e ou coletivas, onde são lembrados nas narrativas com saudades de um tempo rico, vivo, de manifestações culturais e vivências pessoais, os textos de cultura (os arquivos de saberes), tornam-se narrativas que expressam uma memória em corpos que falam por si e que na tradição oral ressignificam.

Para Halbwachs, o indivíduo que lembra é sempre inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. De acordo o autor, na pesquisa de Maria Luisa Sandoval in Miguel Mahfoud (1993).

[...] uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência.

Neste sentido, o grupo de referência citado é que o indivíduo faz parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos. O grupo está presente não necessariamente pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamentos e a experiência comum próprias do grupo. Na pesquisa, este grupo pertencente é o da comunidade das marisqueiras e a permanência do apego afetivo a sua comunidade, dá consistência as lembranças. Entretanto, Halbwachs (1990) cita *“é perder contato com aqueles que então nos rodearam”* (p. 32). Em alguns trechos das narrativas das colaboradoras, percebe-

se que na descrição, as imagens se apresentam como dados abstratos, onde quando tentam lembrar-se de algo, não há reconhecimento ou lembrança.

Para o autor, a lembrança é reconhecimento na medida em que porta "o sentimento já visto". Torna-se reconstrução porque não é uma recordação linear de acontecimentos e vivências no passado, mas uma ressignificação destes acontecimentos e vivências que é destacada por um tempo, um espaço, e um conjunto de relações sociais. Nas palavras de Halbwachs (1990), se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (p. 25).

Um dos exemplos é um dos contos vivos encontrado nas lembranças de várias marisqueiras no povoado de Barra do Itariri, onde a maioria das colaboradas conhecem o conto, mas à sua maneira, nos vários olhares, [...] *eu vinha do Riacho Seco com meu pai e era muito tarde e até chegar na Barra do Itariri era uma caminhada danada de longe e ainda é a "siora" sabe a distância. Pois bem, "mia siora" tem uma parte do caminho que a gente passa que é mangue de um lado e do outro da estrada e aí como era tudo escuro, um breu, só a luz da lua, iluminando a estrada, eu vi uma luz pequena entre o mangue parecendo uma bola, acompanhando a gente entre os galhos das árvores do mangue, mas dava para ver que era ela sim se aproximando e aí gritei: Pai é a beatatá! Ela vai chegar na gente, pai! Meu coração disparava de medo. Meu pai mandou eu ficar quieta e segurou na minha mão e fechou o olho e mandou eu fazer o mesmo e eu só ouvia a voz de meu pai rezando uma ladainha. A reza de meu pai era forte* (M. 68, rezadeira).

Ao retratar ainda na ideia do autor da evocação por várias pessoas as lembranças, ainda neste contexto [...] lembro de meu pai chegar todo lapiado em casa de uma mariscagem já tarde da noite, a costa toda vermelha, como queimadura. E disse que tinha sido a beatatá. Agora se foi verdade eu não sei, mas foi o que ele disse a gente e nós todos acreditamos (E.C. 48). Desta forma, o trabalho da memória pode ser assim, compreendido como um confronto dos diferentes pontos de vista que coabitam no indivíduo que lhe ajudam a lembrar, ver, observar. Na memória coletiva, o passado é ressignificado e pode assim ser entendida como uma história viva porque ela vive, sobretudo nas tradições, e ao transformar fatos do passado em imagens, ideias, estabelece uma continuidade entre o que é passado e presente.

O TRABALHO DE CAMPO: RELATOS ORAIS QUE RESSIGNIFICAM A PARTIR DAS MEMÓRIAS

O trabalho de campo em andamento tem como objetivo principal o estudo das tradições orais nas experiências pessoais e coletivas, nas comunidades litorâneas onde se encontram as marisqueiras idosas que fazem parte desta pesquisa, no município de Conde (BA). Os arquivos de

saberes como manifestações da cultura popular estiveram presentes durante a vida quando jovens destas marisqueiras idosas e a abordagem sobre as tradições orais, poéticas orais e culturas populares, que são o objetivo de serem estudadas durante toda a pesquisa do corpo teórico, traz o componente de entender pelos autores a dinâmica desses processos culturais que sofreram modificações. Para Stuart Hall (2003, p. 261) cita que as formas culturais não têm "*um significado ou valor fixo inalterável*", mas que de acordo o contexto que estejam inseridas, os símbolos mudam de significados. Para o autor, a "*transformação cultural*" é um eufemismo para o processo pela qual passam algumas formas e práticas culturais, que são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas.

As manifestações culturais não devem ser estudadas como produto pronto. É preciso analisar as manifestações culturais dentro de um contexto do qual fazem parte. Neste município no passado era repleto de manifestações culturais, mas percebe-se que muitas destas só nas memórias destas marisqueiras idosas estão presentes e que na contemporaneidade, no processo das mudanças de modos de vida, muito se perdeu ou se folclorizou. As transformações sociais levam as mudanças e discutir este processo tem que ser pelo viés em como essas manifestações culturais estão sujeitas.

As práticas culturais interagem com os processos histórico e social e se dão desde a conversa com a vizinhança até o caruru de Cosme e Damião. E a aprendizagem se dá por meio desta participação contínua, rotineira e interativa. É no seio familiar e na convivência social que as ideias são transmitidas de geração a geração. Entretanto a cultura está sujeita a alterações no decorrer da vida das pessoas porque esta acompanha o desenvolvimento social. Mancini (1997) cita que essas mudanças culturais ocorrem "*... não porque o problema é conservar e manter inalteradas as tradições. Mas de se perguntar como estão se transformando*".

Muitas das lembranças destas idosas se manifestam com riquezas de detalhes, mas o que se pretende não é resgatar essas manifestações, mas entender que o contexto mudou e que este estudo se torna uma representação de uma identidade cultural na busca de entender todo o processo de transformação histórica. Um exemplo é a lembrança de participação de uma das marisqueiras idosas ao recitar os versos: Eu sou uma linda cabocla/ Sou linda e sou feiticeira/Eu ando no meio da roda/Atrás de mim ninguém venha/Cabocla, cabocla, mimosa, gentil/Sou filha da roça e do Brasil.

Ela afirma ter participado no passado enquanto adolescente das apresentações de reisado e este era seu texto oral de apresentação. E o texto ficou guardado em sua memória ao ser recitado. Nesta recitação a colaboradora lembra-se da sua performance musical. Essa é uma memória, que também é coletiva, pois o verso é de todos que se apropriam. De acordo Hambate Bá (1979, p. 17).

A soma de conhecimentos sobre a natureza e a vida, os valores morais da sociedade, a concepção religiosa do mundo, o domínio das forças ocultas que cercam o homem, o segredo da iniciação nos diferentes ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, o canto, o ritual, a lenda, a poesia — tudo isso é guardado pela memória coletiva.

Portanto, a memória coletiva traz contribuições para que os conhecimentos e valores sejam expressos pelas poéticas orais. A voz sozinha não tem ação para a transmissão oral, mas outros elementos como gestos, olhar e a própria performance, em si, resulta em outro texto. Para Zumthor (2007, p. 50). " *A performance é então em si, " um momento de recepção, privilegiado, um enunciado que é percebido"*. De acordo Katharina Doring (2018, p 251), em *Vozes, Performances e arquivos de saberes*:

Os cânticos da tradição oral são caracterizados por uma atitude "*para e a partir de dentro*", por uma postura de voz e entonação que interconecta a percepção subjetiva com a memória ancestral e que une a expressão do lúdico com o sagrado, acessado a partir desse encontro interno.

Portanto, o encontro de pessoas que compartilham um profundo conhecimento, trocando experiências, nos cantos, nas rezas, nas narrativas e esses arquivos de saberes comunicam, expressam sonoridade, lembranças, marcas, enunciados, tradições vivas, etc.

CONCLUSÃO

A pesquisa em andamento no município de Conde (BA), traz como objetivo principal a ressignificação dos arquivos de saberes das marisqueiras com suas experiências de vivências e narrativas das memórias que se encontram presentes e interconectadas com a contemporaneidade. A intenção da pesquisa não é de resgatar essas memórias em um processo de saudosismo, mas de analisar como essas práticas culturais dentro do contexto se encontram, questionando porque estão se transformando e entender todo esse processo histórico.

Neste sentido, as vozes no estudo dos teóricos utilizados ao longo da pesquisa utilizados na construção da dissertação do mestrado, no contexto das narrativas, memórias, culturas, poéticas orais, arquivos de saberes, etnomusicologia, tradições vivas, será de suma importância para análise e interpretação de cada abordagem. E enquanto pesquisadora, que trabalha com Etnografia e História oral, faz pensar que é preciso ouvir e ser fiel a fala das narradoras autorizadas, para justificar e caracterizar o trabalho de campo.

Desta forma, o contexto histórico e social, no recorte temporal contemporâneo se fará necessário para situar o estudo em questão. As histórias orais são construídas a partir das memórias das colaboradoras e nestas narrativas, são construídos e atribuídos significados e sentidos da própria existência e identidade, de uma cultura local. E as memórias são "*arquivos*", resultados dessas experiências humanas e particulares de cada sujeito, da reelaboração do vivido e nesse, particular, a memória individual.

REFERÊNCIAS

- BÁ, Amadeu Hampaté. A palavra, memória viva e a África. In: *Correio da Unesco*. Ano, 7,n, 10)1979.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo : EDUSP, 1997.
- COSTA, Edil Silva; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia; ARAÚJO, Nerivaldo Alves. *Vozes, performances e arquivos de saberes*. Salvador: EDUNEB, 2018.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. "*Mil Platôs*". São Paulo: Editora 34, 1997.
- HALL,Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG,2003.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. Halbwichs: memória coletiva e experiência. *Psicol. USP* [online]. 1993, vol.4, n.1-2 [citado 2019-03-17], p. 285-298 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-5177.
- SOUZA, Eliane Bispo de Almeida. *Cantigas de Roda em Monte Alegre (Rio Real\Ba): Reminiscências de um tempo de Festa e Labuta*, 2007. Dissertação de Mestrado em Crítica Cultural.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*.2.ed.Trad. Jeruza Pires Ferreira;Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif 2007.